

EXERCITANDO A ALTERIDADE: O OLHAR DE HERÓDOTO SOBRE AS EGÍPCIAS

Autora: Naiara Leonardo ARAÚJO* – UFCG

Orientadora: Prof.^a Michelly Pereira de Sousa CORDÃO** – UFCG

Heródoto nasceu aproximadamente em 484 a.C. em Halicarnassos na Ásia Menor (atual Bodrum, na Turquia). Nasceu como súdito de Xerxes e, portanto, do Império Persa. Sua família era contra o tirano Lígdamos e ele, que participava da vida política, apoiava seu tio, Paníases. Heródoto, então, viu-se obrigado a se retirar de Halicarnassos quando da morte de seu tio e só retornou para uma estada efêmera. Morreu provavelmente em 425 a.C. em Túriois, onde viveu seus últimos vinte anos.

Seus relatos, que ele próprio declamou em praça pública adquirindo, portanto, um estilo de oralidade, são na verdade o conjunto de nove livros que vai levar o leitor ou o ouvinte ao desenrolar das guerras persas ou médias¹. Considerado o “pai da história” por ter sido o primeiro a construir uma memória do passado com base em testemunhos ou em fatos que ele próprio presenciou, seu livro se limita a contar a *historiê*² de duas ou três gerações. Heródoto dessa forma tenta conservar a memória impedindo que ela caia no esquecimento.

Os quatro primeiros livros são uma espécie de grande digressão que Heródoto faz ao falar de vários outros povos³. De fato, sua obra é construída a partir de constantes digressões que às vezes podem causar a sensação de que foge de seu eixo principal: construir a memória de gregos e “bárbaros” e, ao mesmo tempo, apontar as causas dos conflitos entre ambos. Promovendo algumas reviravoltas em sua narrativa, ele costuma adiantar o que mais na frente será falado com detalhamento e, em seguida, apresenta outra digressão. Termo que tem a ver com a preocupação de Heródoto em descrever os costumes alheios, os quais dão fundamento à própria constituição de sua obra.

Esse tipo de exercício pode ser observado na passagem com que inicia o livro II:

* Graduanda do I semestre de História da UFCG.

** Professora da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFCG.

¹ A obra é dividida em nove livros e cada um desses recebe o nome de uma musa. Assim, em ordem crescente: Clio, Euterpe, Tália, Melpomene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia e Calíope.

² Palavra grega que remete a *histôr*, aquele que viu, testemunhou.

³ Em ordem de livros: lídios, egípcios, medos e persas, etíopes, líbios, citas e trácios.

Morto Ciro, o trono foi herdado por Cambises, filho de Ciro e de Cassandane filha de Farnaspes, falecida antes dele, e pela qual o próprio Ciro observou um luto rigoroso e mandou que todos os seus súditos observassem o mesmo luto. Cambises então filho daquela mulher e de Ciro, e em sua opinião os iônios e os eólios eram escravos herdados de seu pai; ele preparou uma expedição contra o Egito, levando consigo, entre outros súditos, alguns helenos submissos ao seu domínio⁴.

Podemos perceber na seqüência, a partir do capítulo 2, uma digressão, muito útil por sinal, com que se propõe a descrever a cultura egípcia e desse modo passará a mostrar um dos fatores de muita importância em sua obra.

Percebe-se que Heródoto consegue articular os costumes dos egípcios com o interesse que o guia em sua narrativa e que é exposto em seu prefácio, qual seja: apresentar as causas dos conflitos entre gregos e “bárbaros”. Com o objetivo de dar conta de ambos, Heródoto narra o “outro” a partir de seu modelo grego.

Os outros cinco livros vão se deter, mas sem deixar de lado as digressões, em relatar as Guerras Médicas que não foge ao conceito usado por ele nos livros anteriores. Assim, como ocorreu nos quatro primeiros livros, nesses últimos ele vai diferenciar gregos de bárbaros.

Neste sentido, o livro II, a Euterpe, está cheio de descrições sobre o Egito, apresentado como o lugar mais diferente entre todos; descrições que são feitas, de um lado, a partir de suas investigações e, de outro, de inversões do que já era de costume entre os gregos. Os primeiros capítulos até o 34 são dedicados a aspectos geográficos da região ao redor do Nilo e do próprio Nilo. Essas descrições presentes em sua obra contribuíram para que fosse considerado também um geógrafo.

A partir do capítulo 35, ele nos apresenta um Egito exótico, admirável pelas suas diferenças. Com opiniões expressas de egípcios e gregos, às vezes ele se desprende de seu grupo helênico por não concordar com eles e nem com os egípcios. Então, ele vai usar termos do tipo “Mas minha opinião a esse respeito é a seguinte (...)”⁵. As diversas descrições da cultura desse povo vão levá-lo a ser considerado também um etnógrafo.

⁴ HERÓDOTOS. *Histórias*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988, livro II, p.89

⁵ Idem, *ibidem*, p. 107

Dessas descrições, pudemos localizar representações do universo feminino, abordado por Heródoto no livro II a partir de suas referências enquanto grego. Tema que nos detivemos a estudar sob inspiração das aulas de História Antiga Oriental⁶.

Considerado um grego, porque naquela época assim era chamado quem falava esta língua, se dedica a estudar tanto as guerras médicas como os costumes bárbaros. A sua vontade de mostrar o “outro” como diferente vai fazer com que estudiosos mais recentes questionem a veracidade de sua obra. Se compararmos seu livro II com as obras de Cristiane Desroches Noblecourt (1994) ou de Federico Mella (1994) perceberemos que algumas citações de Heródoto não condizem com as deles.

Neste sentido, o papel da mulher egípcia pode ser visto por duas vertentes: a mostrada por Heródoto, por muitos considerada duvidosa; e a apresentada por outros historiadores contemporâneos que nem sempre condiz com a mulher herodotiana. No capítulo 35, ele nos diz:

(...) Todos os seus costumes e instituições são geralmente diferentes dos costumes e instituições dos outros homens.(...) as mulheres compram e vendem, enquanto os homens ficam em casa e tecem.(...) Os homens carregam os fardos em suas cabeças, mas as mulheres as carregam em seus ombros. As mulheres urinam em pé e os homens acorados. (...) Nenhuma mulher é consagrada ao serviço de qualquer divindade, seja esta masculina ou feminina⁷.

Notamos que Heródoto usa uma forma de impressionar o leitor ou o ouvinte. No início ele disse que o Egito era diferente de todos os outros povos e ao longo do texto vai mostrar o porquê. Será que a mulher realmente urinava em pé? Há também a possibilidade de, a partir de suas observações, ele ter presenciado um fato isolado e pela diferença que tanto o impressionava, resolveu sobre ele escrever. Segundo Mella (1994), em seu livro *O Egito dos faraós*, foi Ísis, a esposa-irmã de Osíris, que ensinou as mulheres técnicas de tecelagem, bordado, etc. Informação que soa destoante com o que diz Heródoto e que nos leva a supor que a representação que elabora das mulheres egípcias resulta, em parte, do conhecimento que tem das gregas. Isso porque, em toda sua obra ele faz uma comparação entre a sua cultura e aquela que está observando. Mais do que isso, o que ele viu pode ter sido amplificado para causar um efeito de estranhamento na população que o assistia ou pode ter sido um caso isolado e que entrou em seus relatos mesmo assim.

⁶ Disciplina ministrada no semestre 2008.1 por Marinalva Vilar de Lima e Michelly Pereira de Sousa Cordão.

⁷ HERÓDOTOS. Op. cit., pp. 99-100.

Dando prosseguimento a nossa busca por mulheres em sua obra, Heródoto dedica alguns capítulos a falar das festas solenes, boa parte das quais são dedicadas às deusas, cujas características se aproximam das humanas.

Os egípcios realizam festas solenes não uma única vez por ano; eles as realizam com frequência. A principal entre elas e a realizada com maior fervor se efetua na cidade de Bubástis e é dedicada a Ártemis; a segunda em importância é dedicada a Ísis e se efetua na cidade de Búsiris; essa cidade fica no centro do Delta egípcio, e nela há um grande templo de Ísis – Deméter na língua dos helenos; a terceira em Sais e é dedicada a Atena; a quarta é a festa do sol em Heliópolis; a quinta é a de Leto em Buto, e a sexta é de Ares em Paprêmis.⁸

Segundo Jon Manchip White, a esposa tentava imitar a primeira de todas as esposas, a deusa Ísis, representação da mais bela e fiel de todas as mulheres. E prossegue dizendo que no período pré-dinástico as mulheres eram consideradas a fonte misteriosa da vida, donas de poderes psíquicos que iam além da experiência masculina, acreditando ainda que eram elas que mantinham os mitos e as tradições da raça (1966:162). Ísis foi uma mulher admirável por ter enfrentado diversos perigos: a luta para trazer seu marido de volta após este ter sido assassinado por Seth, a fecundação milagrosa que resultou na concepção de Hórus e a prática de dignos ritos funerários ao esposo. Assim, podemos dizer que o papel de Ísis no conflito entre Osiris e Seth foi crucial para não haver uma catástrofe maior. Quando do conflito entre Seth e Hórus⁹, Ísis tenta ajudar também a seu irmão e, seu filho, achando isso uma traição, corta sua cabeça. Tot, um mediador entre os deuses, ressuscita-a com uma cabeça de vaca. Daí que, em homenagem a ela, a vaca é considerada um animal sagrado não podendo ser sacrificado. Suas imagens, porém, não vem com a cabeça de vaca, mas somente com os chifres.

É importante também perceber no livro II da obra de Heródoto, a constante comparação que ele faz entre os deuses egípcios e os gregos, nos momentos em que aborda o tema da religião. Assim, ele se refere a Osiris a partir do nome do deus grego Diônisos. Promove, pois, um exercício de tradução, na medida em que desloca temas, experiências e nomes egípcios para o mundo grego.

Uma outra questão presente é o surgimento dos oráculos, para o qual Heródoto aponta três hipóteses: a primeira, sugerida pelos egípcios; a segunda, pelas profetisas de Dodona; e a última,

⁸ HERÓDOTOS. Op. cit., p.107

⁹ Segundo Noblecourt (1994: 45), o conflito foi mediado por um tribunal chamado para julgar o caso e composto por todos os deuses do Egito. Exercendo função por 80 anos e tendo Tot como uma espécie de juiz dos nossos tempos.

por ele próprio. Os egípcios acreditam que os fenícios raptaram duas sacerdotisas tebanas e venderam uma na Líbia e a outra na Hélade. Então, além dos principais cultos serem dedicados às mulheres o surgimento dos oráculos também o são. Lembrando aqui que Heródoto acredita demais nos oráculos, bem como, os gregos e egípcios.

Heródoto dedica nove capítulos para falar de uma mulher muito conhecida por sua beleza, Helena. Segundo os egípcios lhe contaram, Helena foi a causa da guerra de Tróia; sua beleza encantara de tal forma a Alêxandros que este resolveu raptá-la e a direção dos ventos os levou para o Egito. Helena ficou no Egito, pois Proteus, o faraó da época, havia dito a Alêxandros que ele só sairia em paz se a deixasse para que quando Menêlaos viesse eles pudessem devolver. E assim foi feito, mas quando no ato da guerra Menêlaos pediu que entregassem Helena para que evitasse uma guerra, Alêxandros disse que tinha ficado no Egito e esse não acreditou. A guerra aconteceu e no final foi provado que ela realmente tinha permanecido no Egito. Heródoto não acredita que a beleza de Helena tenha sido a causa da guerra e ainda acrescenta que ela se deixou ser raptada. A forma como a mulher grega é vista está agora presente nessa opinião de Heródoto, pois a beleza de uma mulher não seria jamais na Grécia causa para uma guerra. Já para os egípcios essa história adquire um caráter impressionante a tal ponto que um templo foi dedicado a Helena e chamado de Afrodite Estrangeira¹⁰.

Percebemos que Heródoto atribui uma importância considerável à mulher egípcia ao dizer que Sesôstrenes tinha sua esposa como conselheira e a levava a todos os lugares para onde ia. Segundo ele, havia testemunhos sobre os faraós, a exemplo de Micerinos, segundo os quais este era apaixonado pela própria filha. Além disso, consta que outro faraó, segundo um oráculo, era cego e para recobrar sua visão ele deveria lavar os olhos com urina de uma mulher virgem ou de uma mulher que mantinha a fidelidade. A primeira mulher testada por ele foi sua própria esposa, mas ela não trouxe sua visão. Então, ele saiu testando todas até encontrar aquela que lhe serviu. As demais mulheres comprovaram não serem mais virgens e nem fiéis e por isso foram todas queimadas. Esse faraó foi Ferós, filho de Sesôstrenes.

Esse último acontecimento nos evidencia a força que os oráculos tinha tanto na Grécia quanto no Egito, segundo a visão herodotiana, além de apresentar princípios que faziam parte das leis jurídicas dos egípcios, tais como, a fidelidade e a virgindade. Segundo Noblecourt (1994: 245-54), a mulher para casar deveria se manter virgem e quando se casasse deveria manter uma

¹⁰ HERÓDOTOS. Op. cit., p. 122-125.

fidelidade. Caso cometesse adultério, ela deveria ser punida com pena de morte, embora relatos sobre tal pena nunca tenham sido encontrados.

A tática de Heródoto é como um espelho. Se pararmos em frente a um espelho e levantarmos a nossa mão direita no outro lado do espelho a mão que estará levantada vai ser a esquerda. Mas mesmo assim não será a sua mão direita que permanece levantada?

Heródoto mostra os gregos a partir do Egito, como se os gregos fossem a mão direita e os egípcios a esquerda. Diferente porque não é a mesma mão e semelhante porque tem as mesmas características. Ele parte, então, de uma cultura por ele apresentada como “diferente” para expressar o seu “eu”. Dizer que as mulheres urinam em pé e usam apenas uma roupa causaria espanto. Mostrar para uma sociedade, como a ateniense, que a mulher tinha privilégios era estranho, pois nela não era comum um fato como esse. Enquanto que as mulheres atenienses, do ponto de vista jurídico e social, tinham funções que a vinculava tão somente ao espaço privado/doméstico, tendo inclusive um lugar na casa reservado só para elas (o gineceu), as egípcias podiam juridicamente ajudar seus maridos no comércio, participar de festas solenes dedicadas às deusas e tinham também um canto na casa reservado para elas. Porém, não era com o intuito de excluí-las das demais partes da casa. Continuamente, o casamento em Atenas era um contrato que tinha como finalidade um título de importância ou o aumento de riquezas, mas no Egito além de as mulheres escolherem com quem queriam se casar, elas também expressavam em poemas um amor e uma ansiedade pela nova vida que passaria a ter com seu marido. Temos um exemplo de texto literário amoroso em que uma jovem relata sua ansiedade e sua espera pelo amor:

Oh, tu, o mais belo dos homens!
 Meu desejo é [velar por] teus bens
 Como dona de casa,
 Que teu braço cubra o meu braço
 E meu amor te cumule.
 Eu confio ao meu coração
 Um desejo de amante:
 Que eu possa tê-lo esta noite por esposo!
 Sem ele sou apenas um ente na tumba,
 Pois não és a saúde e a vida? (Apud NOBLECOURT, 1994: 240)

Essa estrofe mostra que as jovens passavam por um período, que antecedia o casamento, de grande romantismo.

Heródoto fala das mulheres de uma forma que não parece diminuí-las, visto que ele está mostrando uma cultura muito diferente da que ele viu em Atenas. Se está estudando um povo que, segundo ele, é totalmente diferente dos gregos, então as mulheres egípcias são detentoras de certos privilégios opostos ao das mulheres atenienses. E, de fato, a mulher podia mover seus bens e transmiti-los a um herdeiro quando não era casada. Podiam mover processos de separação e denunciar se fosse espancada. Noblecourt comenta ainda que a mulher recebia uma pensão caso viesse a se separar, pois a partir do casamento o homem tinha a obrigação de cuidar da mulher e principalmente no sentido econômico. O casamento, segundo essa autora, caracterizava-se pela informalidade, visto que não tinha fundamentos jurídicos. Do ponto de vista legal, havia o que a autora chama de contrato, por ela apresentado como uma experiência distinta do casamento.

Considerando a visão que apresenta acerca da mulher grega, provavelmente nem Heródoto nem os gregos aceitariam que a mulher grega fosse tão privilegiada quanto as egípcias. Noblecourt apresenta um trecho do hino¹¹ consagrado a Ísis em que no final há uma evidência da idéia de igualdade entre homens e mulheres: “(...) És tu a Senhora da Terra (...). Tornaste o poder das mulheres igual ao dos homens!” (1994: 48).

A forma como o Egito e, principalmente, a mulher é visto por Heródoto nos leva a questionar a maneira como olhamos o “outro”. Cabe aqui entrarmos no relativismo e não olharmos o “outro” através dos nossos costumes e princípios. Porém, na medida em que estamos inseridos em uma cultura e dela participamos ativamente, seria difícil falarmos de outra sem marcar suas diferenças. Daí a necessidade de entendermos o exercício de Heródoto, visto que se trata de um grego que fez todo um esforço para narrar o “outro”, atitude incomum em seu tempo.

Seria interessante, pois, notarmos que Heródoto esteve no Egito e pôde presenciar alguns costumes desse povo; costumes que resultaram na narração que promove no livro II de suas *Histórias*, fonte que pode ser por nós utilizada para estudarmos o Egito. Ainda que muitos comentadores, sobretudo no séc. XIX, tenham rotulado esse historiador de “mentiroso”, em virtude de suas visões sobre o “outro” a partir de referências gregas, cremos que nos importa, antes de tudo, pensarmos sua obra como uma fonte que, neste estudo especificamente, contribuiu para analisarmos a mulher egípcia. Se seu caráter de grego foi defendido fielmente por ele e, confirmamos isso lendo as palavras que usa para falar do “outro”, isso não implica que seja impossível localizarmos elementos da cultura alheia por ele abordada.

¹¹ Esse grande hino a Ísis foi traduzido do papiro de Oxirrincos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERÔDOTOS. *Histórias*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988.

MELLA, Federico A. Arborio. *O Egito dos faraós: historia, civilização, cultura*. São Paulo: Hemus, 1994.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos Faraós*. Trad.: Tania Pellegrini, Campinas: Papyrus, 1994.

WHITE, Jon Manchip. *O Egito antigo*. Trad.: Fernando de Castro Ferro, Rio de Janeiro : Zahar Editor, 1966.